

# Por que perseguição aos judeus?

## Breve histórico do anti-semitismo

Por Hilmar Kannenberg

Na sua edição de 11 de setembro de 1963 o Correio do Povo publica a seguinte nota:

«Santiago do Chile —

O renascimento do nazismo com jovens de camisas negras, suásticas e proclamações anti-semitas está tomando vulto no país. O movimento organizou-se no Partido Nacional Socialista do Chile e afirma contar com seis mil membros, «prontos para recomeçarem a atuar no campo político». «Somos anti-comunistas e anti-semitas», declarou Franz Pfeifer Richter, chefe do novo movimento».

Como vemos ainda nos dias de hoje existe o anti-semitismo. É nossa intenção estudá-lo durante esta IV Semana Acadêmica. Para tanto faz-se necessária uma história do anti-semitismo. Somente depois de estarmos inteirados, ainda que brevemente, no histórico do anti-semitismo, poderemos tomar uma posição crítica.

Todos sabemos das chacinas que se efetuaram durante o Terceiro Reich do Nazismo. No entanto, já nos perguntamos alguma vez, como foi possível que tal ódio aos judeus, que culminou com o extermínio de milhões, encontrasse tamanho eco entre boa parte da humanidade? Por que será que os homens permitiram tais chacinas? Não terá, a semente anti-semita, encontrado à sua frente um solo fértil onde pudesse germinar? — Este é um dos pontos que pretendemos analisar. Além disso, quais teriam sido as causas para o irrompimento do anti-semitismo?

Cabe adiantar aqui que o histórico a ser apresentado será, forçosamente, relativo, uma vez que não é possível seguir historicamente todos os focos e manifestações anti-semitas existentes nos mais diferentes recantos e épocas.

Em tôdas as épocas cremos poder constatar três causas primordiais, geradoras de perseguições: a causa religiosa, a causa política e a causa econômica, sendo que somente no anti-semitismo moderno existe a causa racial ou biológica. 1)

### 1 — Anti-Semitismo na Antigüidade.

A Antigüidade subentende o período em que se processam perseguições aos judeus desde o Exílio (587 a.C.) até o despontar da Era Constantina (313 d.C.) 2). Somente depois do Exílio é que podemos

constatar com absoluta certeza a existência de judeus fora da Palestina dispersos pelos impérios Babilônico, Persa, Macedônio e Romano. Apesar da complexidade e da diversidade dos acontecimentos registrados ao longo da Antigüidade, deparamos com as três causas geradoras do anti-semitismo: a) causa religiosa; b) causa política; c) causa econômica.

### a— A causa religiosa.

Pelo exílio, dispersão e migração os judeus passam a habitar em terras estrangeiras, onde continuam a viver como judeus, não deixando de formar as suas comunidades culturais. A sua religião é algo singular e único. Tão singular que transforma os seus fiéis em corpo estranho dentro da população não-judaica. A peculiaridade religiosa dos judeus, tornada patente e expressa na vida prática e diária por através de um separatismo, por vêzes sectário e, por certo, não isento de um sentimento de superioridade, representa uma pedra de tropeço, causadora de repugnância, asco, ódio e perseguições.<sup>3)</sup>

Assim a religião judaica em toda a sua extensão cultural e prática representa a causa principal do anti-semitismo na Antigüidade. Por volta de 402 a.C. é destruído na Ilha de Elefantina, situada na costa egípcia, uma espécie de templo, construído por mercenários judeus, integrantes da colônia militar persa. Qual a causa da destruição? Os habitantes da ilha adoram o bode como sendo o seu deus. Os judeus, por sua vez, oferecem este animal em holocausto a Javé. A causa é religiosa.

No livro bíblico chamado Ester, deparamos com vestígios anti-semitas causados pela singularidade da vida social e jurídica, oriunda da religião judaica. Ao rei persa Assuero se aconselha: «Existe espalhado, disperso entre os povos de todas as províncias de teu reino, um povo, cujas leis são diferentes das leis de todos os povos, e que não cumpre as do rei; pelo que não convém ao rei tolerá-lo. Se bem parecer ao rei, decrete-se que sejam mortos». <sup>4)</sup>

Desde então traços e manifestações anti-semitas se têm repetido, sobretudo, depois da destruição cabal de Jerusalém no ano de 70 d.C. <sup>5)</sup>, quando os judeus, expulsos de sua terra e dispersos pelo Império Romano, iniciam um forte movimento missionário <sup>6)</sup>. O mundo antigo não compreende a religião judaica. As formas culturais são consideradas estranhas e alienadas. A adoração de um Deus invisível em ofícios religiosos, despidos de qualquer iconolatria, surge como utópico, dando margem a acusações como: rendimento de culto às nuvens ou a uma cabeça de burro ou ainda a um porco <sup>7)</sup>. A santificação dos sábados se interpreta como refletindo a preguiça do judeu <sup>8)</sup>. Todavia, a mais grave acusação foi um tal de Apiã quem inventou: a imolação de seres humanos a Javé. Acusação esta que perduraria sempre, sobretudo na Idade Média <sup>9)</sup>. Ao que tudo indica a eclosão mais forte se verificou em Roma, onde, por volta de 50 d.C., o imperador Cláudio expulsa os judeus.

## b — A causa política.

O anti-semitismo causado por questões políticas, surge sempre onde há concentrações maiores de judeus, discordantes da corrente política específica da época. Um exemplo típico nos apresenta a cidade de Alexandria, cuja população se cumpunha, então, de dois quintos de judeus. Ao apresentarem reivindicações políticas, origina-se uma reação por parte dos habitantes helenistas, motivando a intervenção do imperador Cláudio, que restringe os direitos dos judeus. Tais represálias no setor político, repetem-se quase que regularmente em épocas seguintes. 10)

## c — A causa econômica.

Bastante raro é o anti-semitismo por questões econômicas. Conhecemo-lo de uma carta escrita por um cidadão alexandrino e dirigida a um seu amigo e devedor: «Como todos, também tu precave-te dos judeus». Ao que tudo indica, tais admoestações não são ao todo infundadas. O historiador Josefo, por exemplo, conhece uma casa comercial judaica que percebe um lucro de 900% 11).

## 2 — Anti-Semitismo na Idade Média.

Se no período da Antigüidade conseguimos delinear de maneira relativamente fácil as três correntes anti-semitas, o mesmo já não acontece na Idade Média, bem como na época da Reforma até a queda do Terceiro Reich. No período de após Constantino até a Reforma as três causas do anti-semitismo estão intimamente entrelaçadas, servindo uma a outra consciente e abertamente ou ainda camuflada e disfarçadamente. Por outro lado, na Antigüidade trata-se de um anti-semitismo não-cristão 12). Na Idade Média não podemos discernir entre um anti-semitismo gentio e um anti-semitismo cristão, pois que ambos estão intrinsecamente entrelaçados.

Como se explica isto?

Ora, nos primórdios do cristianismo judeus e cristãos vivem lado a lado. Os próprios divulgadores do cristianismo fazem uso das sinagogas para as suas pregações. As controvérsias judaico-cristãs existentes na época apostólica e pós-apostólica giram, quase que exclusivamente, em torno da compreensão e interpretação do Antigo Testamento. Por parte dos cristãos não há nota de eclosões anti-judaicas concretizadas em manifestações de ódio e de perseguição 13).

Tal relação se modifica cabalmente quando o Império Romano «se converte» ao cristianismo na época do imperador Constantino o Grande. A Igreja cristã transforma-se em igreja estatal e o Império Romano em estado cristão. O que o estado decreta é a igreja quem decreta. O que a igreja anuncia e resolve é o estado quem resolve. Uma desassociação entre igreja e estado não mais entra em cogitação 14). E assim a dissonância teológica e doutrinária judaico-cristã passa a ser problema das massas e, sobretudo, as tendências anti-semitas dessas passam para a alçada da igreja. Somente a simbiose gentilico-cristã

origina o irrompimento pleno, aberto e concreto do anti-semitismo cristão 15).

Históricamente as eclosões anti-semitas se verificam primeiramente na Espanha, onde na segunda metade do século VI (586) os Visigodos se convertem ao cristianismo, passando a igreja outra vez a uma ligação íntima com o estado. Os inúmeros judeus ali existentes, como detentores de uma considerável potência econômica e política são forçados a aceitar o batismo 16). A consequência é que, quando da invasão dos árabes, os judeus correm ao encontro destes. Após certo período de paz sob o império de Carlos Magno e Ludovico, o Pio, os judeus passam a ser violentamente massacrados durante a primeira Cruzada e em épocas subsequentes. Um grande contingente de cavaleiros cruzados, sob a chefia do mercenário francês Guilherme, irrompe, proveniente da França, pela Renânia, por Tréveris, Espira, Worms, Regensburgo, Praga e por muitas outras cidades, perseguindo, arrasando e assassinando. Marchando sob o signo da cruz, procuram cumprir com a sua convicção: «Por que fazer guerra contra os infiéis no Oriente, se em nosso próprio meio vivem os descendentes daqueles que crucificaram o Salvador? Primeiro devemos exterminar os judeus no Ocidente, e só então marchar contra os turcos» 17). Desde então a onda de chacinas não mais tem parado; e suas vítimas são incontáveis. A pior das perseguições irrompe no ano de 1349. Época em que grassa na Europa uma terrível peste, chamada «morte negra». A contaminação se efetua por intermédio da água. Os judeus são acusados de tê-la envenenado. E as chacinas têm início: mais de 350 comunidades judaicas são destruídas, sendo seus membros, na maioria dos casos, queimados vivos 18). Não menos terríveis são as perseguições verificadas na Espanha, depois de reconquistada aos mouros, que, comumente, encabeçadas por bispos, ostentam o lema: «Os judeus, ou tornam-se cristãos ou serão mortos» 19). Elas se vingam no campo econômico. Príncipes e poderosos procuram evitar a emigração, concedendo a judeus batizados enormes privilégios. Em pouco tempo, porém, passam os judeus a influenciar a política pelo seu poderio econômico. Uma vez descoberto que êsses conversos permanecem fiéis a sua religião, inicia-se acentuada perseguição, da qual, sob o brado de: «A Igreja está em perigo», também participa a Inquisição Espanhola 20). — Examinemos, porém, um pouco mais de perto as causas religiosas, políticas e econômicas.

#### a — A causa religiosa.

Interessante é percebermos que aqui não mais podemos procurar as causas religiosas primordialmente no judaísmo, mas sim no cristianismo. A convicção de que não há salvação a não ser por intermédio de Cristo, juntada à obstinação dos judeus que não só não aceitam êste Cristo, mas inclusive praticam missão, impedindo a propagação do Evangelho, leva à seguinte conclusão: os judeus devem converter-se e sua missão deve ser restringida. Já na era de após Constantino se proíbe a construção de novas sinagogas e a ampliação de antigas, a conversão de um cristão ao judaísmo e a escravização de um cristão por um judeu. Estas restrições, ratificadas, passam a vigorar por toda a Eu-

ropa a partir do IV Concílio de Latrão no ano de 1215, sob o pontificado de Inocêncio III. Desde então os judeus devem usar roupas especiais que os distingam dos cristãos. E o exercício de quase tôdas as profissões decentes no setor da manufatura, agricultura e comércio lhes é vedado. Como consequência os judeus passam a se dedicar cada vez mais ao comércio monetário, proibido aos cristãos, sendo em pouco tempo cunhados de espoliadores e usurários. Inicia-se a separação qualitativa entre cristão e judeu: as relações pessoais são interditas, proibindo-se refeições, empreendimentos esportivos, festas, banhos e hotéis comuns e até conversações doutrinárias<sup>21</sup>). Daí resulta que no século XV os judeus são obrigados a morar em guetos, quase que totalmente separados dos cristãos. Para esse cêrco que se fecha em tôrno do judeu, contribuem as mais diversas acusações, tais como profanação de hóstias e assassinio de cristãos para o uso de seu sangue em ofícios cultuais.

### **b — A causa política.**

O anti-semitismo por questões políticas temos, sobretudo, na Espanha, quando da perseguição aos conversos. No mais não temos nota de que judeus tenham exercido cargos públicos ou feito reivindicações políticas. A influência política se processa, antes de mais nada, por através do poderio econômico.

### **c — A causa econômica.**

Já na época dos Visigodos, os judeus representam na Espanha uma potência econômica. Esta vem atrapalhar o bom andamento dos negócios do Império, quase que totalmente sob o contrôle de bispos<sup>22</sup>). Por isso é preciso converter os judeus. Pois, uma vez convertidos, seu poder econômico reverte em benefício do império cristão. Todavia, se os judeus não aceitam a conversão, o seu poder econômico deve ser eliminado. O mesmo se repete na Espanha após a reconquista aos mouros pelos Carolíngios, e na questão dos conversos em que, sob a alegação de que a Igreja está em perigo se processam chacinas, confiscando-se os bens dos judeus. Além disso sabemos que príncipes e senhores feudais saqueiam os judeus, cuja economia é capaz de competir com a européia<sup>23</sup>). Felipe, o Belo (1306), por exemplo, vendo vazios os seus cofres, manda prender todos os judeus, confiscando os seus bens, para depois desterrá-los. Durante a época da «morte negra» (1349) Carlos IV permite aos cristãos de Frankfurt, mediante o pagamento correspondente, o morticínio dos judeus residentes nesta cidade<sup>24</sup>).

— Os cofres vazios dos príncipes e imperadores e a boa situação econômica dos judeus, são motivos suficientemente relevantes para perseguições.

## **3 — Anti-Semitismo da Reforma até a Queda do Terceiro Reich**

No período da Reforma até a entrada do século XIX o destino dos judeus não muda em quase nada. O sistema de gueto se acentua

consideravelmente. O ar se impregna de um crescendo de anti-semitismo. As correntes econômicas e políticas continuam a andar de mãos dadas com a igreja, ou, mais precisamente, com o cristianismo. A Reforma, ao contrário do que se possa imaginar ou esperar, não traz consigo elementos, que se empenhem, de maneira concreta, numa luta contra o anti-semitismo.

Ainda em 1523 o reformador Martinho Lutero, tomado de ardor missionário, fala positivamente em relação aos judeus, pois também eles estão sob o reino da graça. E é preciso que se lhes proclame isso. Todavia, já nos anos seguintes vendo dificultado seu empenho missionário por missão judaica no seio da cristandade, passa a tomar atitudes totalmente contrárias, fazendo inclusive uso de jargões anti-semitas da época. Mas o seu anti-semitismo é estritamente religioso, não apresentando traços político-econômicos, muito menos raciais. A opinião inicial do reformador contribui para um certo restringimento de correntes e manifestações anti-semitas em meios protestantes, ao passo que a sua posição ulterior tem sérias conseqüências, sobretudo, em estados protestantes 25).

Mas, a despeito dos guetos, uma minoria de judeus consegue elevar o seu padrão de vida como financistas de príncipes e senhores feudais. Depois da Guerra dos Trinta Anos, que pouco afetou os judeus, há uma acentuada procura por judeus capazes de levantar o comércio e, conseqüentemente, o bem-estar econômico de seus senhores. Esses privilegiados, porém, representam uma pequena parcela apenas. A grande massa judaica permanece em extremo estado de penúria, encerrada em seus guetos e restringida ao exercício das funções permitidas. Não tendo renda econômica, muito menos influência política, os habitantes dos guetos não vivem, vegetam. Um exemplo: «O gueto de Presburgo era um exemplar típico de todos os guetos da época. Consistia numa única rua, muito longa e muito estreita; essa rua era fechada tôdas as noites pela polícia, por uma pesada grade de ferro. . . Nessa estreita ruela, que por lei não podia ser alargada, achavam-se literalmente amontoados, por êsse tempo, umas cinco mil pessoas; nesse apêrto deviam elas nascer, viver, morrer. . . » 26).

Êsse estado de coisas, criado por questões religiosas, econômicas e políticas, por elementos não-judeus, cristãos, em sua grande maioria, só começa a se dissolver lentamente com o aparecimento do iluminismo no século XVIII, donde evolui o senso de nacionalismo e, proveniente da Revolução Francesa, a convicção de igualdade de todos os homens. Aos poucos se processa uma mudança da concepção a respeito dos judeus. A eles cabem os mesmos direitos de cidadão como a qualquer outro homem. Não sem oposição, abrem-se os guetos. Surge o que se chama de emancipação. Movimento êsse que visa a igualdade de direitos religiosos, civis e políticos. Não obstante, somente aos cristãos é concedido o direito pleno de cidadão. Os judeus que pretendem ingressar na vida normal e ser gente como os outros, só têm uma alternativa: batizar-se. O batismo passa a ser «o cartão de ingresso na cultura européia» 27). A atração que a vida normal exerce, juntada à ânsia por libertação da vida encurralada do gueto, transforma o batismo cristão, para muitíssimos judeus, num ímã irre-

sistível. Abandonam a sua fé, renunciam a sua comunidade. Isso, logicamente, gera discórdia entre os judeus, formando duas correntes: os liberais que se assimilam, renunciando a sua religião, e os ortodoxos que pretendem uma emancipação sem renunciarem à religião. Não obstante, estes últimos adaptam, inclusive, elementos cristãos a seu culto 28). Não seria possível que o judeu, sendo judeu, se integrasse na cultura européia da mesma forma como o cristão, sendo cristão?

Com o aumento da emancipação, encontrando eco também entre cristãos, cresce o bem-estar de certo número de judeus. Isso, por sua vez, reaviva o anti-semitismo cochilante. É nesse contexto que cabe a opinião de Karl Marx a respeito do judaísmo.

O judaísmo pretende uma emancipação total. Mas, para que esta se efetue, é necessário, que, antes de mais nada, a sociedade, o estado, se emancipem do judaísmo. «A emancipação dos judeus é, em última instância, a emancipação da humanidade do judaísmo» 29). — Por que esta tese? Respondendo, constatamos que, em primeiro lugar, o segrêdo do judeu não está em sua religião, antes se encontra o segrêdo da religião no próprio judeu. A sua religião, êle a inventou. Criou a religião para se ocultar sob o seu manto, justamente para ser o que é: um usurário, um capitalista, um opressor, um elemento anti-social, que impede a formação da verdadeira sociedade, a sociedade sem classes, retardando a emancipação da humanidade. Assim sendo, urge que se risque do mapa o judaísmo. — Se o judeu, porém, tomar consciência dêsse seu ser anti-social, tentando eliminar êsse estado de coisas, estará contribuindo de maneira positiva na emancipação da humanidade e com isso, automaticamente, na emancipação do próprio judaísmo 30).

Como vemos, tanto o anti-semitismo religioso, político e econômico do cristianismo estatal, como o anti-semitismo de Marx, colocam o judeu numa alternativa: ou êle se converte ou é aniquilado. Especificando, ou o judeu crê em Cristo ou permanece judeu, acarretando com as conseqüências. Ou o judeu se sujeita ao curso da história ou permanece judeu, arcando com as conseqüências que afetam a um ser anti-social.

### **Anti-Semitismo racial.**

No século XIX surge ainda um tipo totalmente nôvo de anti-semitismo. Um anti-semitismo radical, que não concede ao judeu nenhuma alternativa. Um anti-semitismo que se desenvolve num crescendo de altos e baixos para culminar num dos crimes mais horrendos e nefastos de que a humanidade tem conta: o extermínio em massa de judeus durante o nazismo. É o anti-semitismo racial ou biológico. — Acompanhem-lo em sua evolução.

Já no ano de 1881 ouvimos um compositor alemão dizer: «Considero a raça judaica como o inimigo nato da humanidade e de tudo o que nela há de nobre. Certo está que em especial nós alemães seremos por ela destruídos. . . » 31). Por essa época (1883) surge um panfleto com o título típico de: «A Vitória do Judaísmo sobre o Germanismo», em que pela primeira vez se usa o têrmo anti-semitismo. Êsse pan-

flete em pouco tempo é espalhado por todos os cantos, contribuindo para o surgimento do pogroms na Rússia 32).

A partir de então se fundam ligas anti-semitas e se realizam congressos internacionais de anti-semitismo 33). A idéia da raça começa a grassar em tôdas as camadas sociais, mormente nas intelectuais. O crescente ódio aos judeus une em tôrno de si políticos e comerciantes, cristãos de qualquer confissão e ateus. E ao povo alemão se incute êsse mandamento: «Deverás saber que juntamente com teus compatriotas alemães, independentemente de confissão ou convicção política, tens um inimigo implacável. Êsse chama-se judeu» 34). O livro do ministro inglês Houston Stuart Chamberlain sôbre os «Fundamentos do Século XIX», apresentando a história da cultura humana como uma luta entre virtuosos arianos e semitas deploráveis, vem em muito contribuir para aumentar a convicção e a crença numa raça superior 35). Num estranho paradoxo, marcham lado a lado, a emancipação judaica e o anti-semitismo racial. — Chegamos, assim, à Primeira Guerra Mundial.

A guerra, inicialmente, abafa as manifestações anti-semitas. Judeus e não-judeus marcham lado a lado como soldados. Todavia, o ar continua pestilento; o ódio contra o judeu se propaga em surdina, sendo que no fim da guerra se manifesta abertamente, acusando os judeus de todo e qualquer mal que porventura atingisse o povo germânico. Terminada a guerra e formada a República Alemã, afirma-se num livro intitulado «O Pecado contra o Sangue» que a raça judaica está possessa por forças diabólicas e que por isso: «Jamais cansaremos de lutar e batalhar até que esta raça diabólica seja reduzida a um estado inofensivo. Para que o povo alemão possa cumprir com a tarefa que Deus lhe confiou, qual seja a de aproximar todos os povos da interiorização e espiritualização, é preciso que se liberte antes desta raça desgraçada» 36).

Desde então o anti-semitismo racial, ao qual todos os outros tipos de anti-semitismo estão subordinados, evolui vertiginosamente em terreno cada vez mais fértil. No ano de 1924 Hitler escreve o seu livro «Minha Luta» em que desenvolve detalhadamente a sua teoria do anti-semitismo racial. A natureza nos ensina uma lei magna: o papel do mais forte é dominar, ao passo que o mais fraco deve servir. Dominar, porém, só pode alguém de raça superior. E esta raça superior é a raça ariana, autora e detentora de tôdas as criações e ideais da humanidade. Todavia, essa sublime raça corre o grande perigo de ser destruída «pelo pecado da mistura racial» 37). A raça judaica é êsse inimigo mortal que conspirou contra o arianismo. O judaísmo ameaça destruir o arianismo. Por isso urge que se extermine essa raça inimiga, que vem processando seus ataques sistemáticos em todos os setores da vida. E isto escondido sob o manto auréolo da religião 38).

Essa teoria foi lançada em solo fértil, por isso cresce e se agiganta cada vez mais. Em 1933 o Nacional Socialismo assume o poder. Agora não mais são correntes diversas e esparsas que fomentam o ódio ao judeu, mas é o próprio govêrno, o estado, tôda uma nação. O que acontece depois todos nós sabemos. A 1º de abril Hitler conclama o povo alemão a um boicote. Ninguém mais compraria em casas comer-

ciais judaicas. Dois anos depois nascem as leis de Nurembergue, fazendo diferença entre cidadãos da raça ariana e não-ariana. E até o ano de 1943 os decretos de represálias aos judeus sobem ao número de treze. Cada vez mais se aperta o cerco. Há emigração. Mesmo assim, muitos judeus permanecem, esperançosos de que dias melhores virão. Contudo, no ano de 1938 não mais resta a mínima dúvida sobre o curso dos acontecimentos: dezessete mil judeus, dos sessenta mil emigrados da Polônia para a Alemanha, são deportados em caminhões de carga e devolvidos a seu país de procedência, sendo largados ao relento. A SS começa a controlar a questão judaica. Irrompida a guerra, não há mais possibilidades de fuga. Com a conquista da Áustria, da Tschecoslováquia e, pouco tempo depois, da Polônia, Dinamarca, Noruega, Países Baixos, Bélgica e França, levam-se pela Europa os terrores do ódio racial aos judeus. Os próprios judeus passam a preparar deportações e a controlar campos de concentração. Volta-se aos guetos que a SS institui primeiramente na Europa Oriental. Nos guetos grassam fome, doença, peste. Dada a miséria há no ano de 1940 em Varsóvia, capital da Polônia, um levante armado de 400.000 judeus. Todavia, a SS controla o levante sem maiores dificuldades, exterminando o que ainda existia de vida e anunciando depois a Himmler: «Em Varsóvia já não existe mais nenhum quarteirão judaico» 39). Quando a sorte começa a declinar para o Terceiro Reich, resolve-se dar uma solução final à questão judaica. Surgem as câmaras de gás, os fornos crematórios. Terminada a guerra, as estatísticas indicam que aproximadamente seis milhões de judeus haviam desaparecido.

#### 4 — Anti-Semitismo nos Países Comunistas e no Brasil

Os países comunistas não estão isentos de anti-semitismo. Os comunistas conservam-se dogmáticamente fiéis a Marx. E durante a época de Stahlin registram-se matanças das mais cruentas. Num ataque sistemático, procura êle liquidar com os intelectuais judeus, condenando-os à morte ou deportando-os para a Sibéria. Não possuímos, infelizmente, estatísticas a respeito. Todavia, o ateu brasileiro Silva Mello, autor do livro «Israel, Prós e Contras», escreve: «É de estarrecer o que se pode ler (ai) sobre a perseguição dos judeus na União Soviética e nos países que a acompanham politicamente. Julgo a situação pior que a dos negros nos Estados Unidos. . . » 40). Interessante é notar que o anti-semitismo marxista foi o judeu Karl Marx quem inventou. Não são raros os casos em que judeus participam de movimentos anti-semitas na Rússia. Um exemplo típico se nos apresenta na pessoa do judeu «Ilya Ehrenburg, que na União Soviética chefiou a perseguição aos escritores judaicos, havendo sido executados 800 deles por ordem de Stahlin» 41). Represálias aos judeus ainda hoje se efetuam na Rússia. O jornal alemão «Die Welt», em sua edição de 28 de abril de 1962, relata de perseguições anti-semitas em que são fechadas sinagogas, sobretudo na cidade de Kiev. «No entanto», assim acrescenta o jornal, «apesar de tôdas as represálias com exoneração de judeus de seus cargos, exílio e execuções, não se pode comparar o anti-semitismo comunista de hoje com o dos dias de Stahlin». Ao que tudo indica, os

comunistas permanecem, de um modo geral, fiéis em sua doutrina até os dias de hoje ao anti-semitismo de seu grande mestre judeu Karl Marx 42).

Concluindo, podemos dizer que o anti-semitismo, de maneira genérica, nos dias de hoje passou para os bastidores. Não temos nota de manifestações violentas contra os judeus. Porém, o anti-semitismo ainda não morreu. No ano de 1960 corre pelo mundo uma onda anti-semita que alcança o nosso país e outros da América do Sul, vindo da Europa e dos Estados Unidos 43). E quando da execução de Eichmann surge suástica pela cidade de São Paulo, pelo que a revista «Visão» em sua edição de 7 de abril de 1961 publica, sob o título de «Pichadores em Ação», a nota seguinte: «À medida que se aproxima o julgamento de Adolf Eichmann, aumenta o número de slogans anti-semitas no centro da cidade (de S. Paulo), geralmente nas proximidades de associações israelitas. O Departamento de Ordem Política e Social intensificou a sua vigilância em torno dos pontos visados pela campanha. Não se sabe ainda se os pichadores estão organizados ou agem por conta própria.

Os que forem surpreendidos serão processados pela Lei Afonso Arinos, que proíbe manifestações racistas em nosso país» (pg. 21).

#### NOTAS:

- 1) W. Holsten, artigo: Antisemitismus, in Die Religion in Geschichte und Gegenwart, 3a. edição, 1957. I volume, coluna 46.
- 2) Idem, idem.
- 3) J. Leopoldt, art. Antisemitismus, in Reallexikon fuer Antike und Christentum, I vol., 1950, col. 471; W. Holsten, art. cit., col. 457; Gerhard von Rad, Theologie des Alten Testaments, I vol., 3a. ed., 1957, p. 99.
- 4) Ester 3, 8-9; Gerhard von Rad, op. cit., p. 99, nota 50.
- 5) Martin Noth, Geschichte Israel, 4a. ed., 1959, pp. 386ss.
- 6) J. Leopoldt, art. cit., col. 470.
- 7) Art. cit., col. 471.
- 8) Esta afirmação é o filósofo estoíco Sêneca quem faz. Conforme Agostinho, in. De Civitate Dei, VI capítulo.
- 9) Wilhelm Maurer, Kirche und Synagoge, Estugarda 1953, p. 13.
- 10) J. Leopoldt, art. cit., col. 472.
- 11) Idem, idem.
- 12) Wilhelm Maurer, op. cit., p. 13; 21.
- 13) Op. cit., p. 13.
- 14) Op. cit., p. 23.
- 15) Wilhelm Maurer, op. cit., p. 24.
- 16) Op. cit., pp. 26-27.

- 17) F. W. Foerster, *A Questão Judaica*, São Paulo 1961, p. 109; H. G. Adler. *Die Juden in Deutschland*, 2a. ed., 1961, p. 23.
- 18) H. G. Adler, op. cit., p. 25; F. W. Foerster, op. cit., p. 112.
- 19) F. W. Foerster, op. cit., p. 118.
- 20) Op. cit., pp. 120ss.
- 21) H. G. Adler, op. cit., p. 24.
- 22) Wilhelm Maurer, op. cit., p. 26.
- 23) F. W. Foerster, op. cit., p. 131.
- 24) H. G. Adler, op. cit., p. 26.
- 25) Op. cit., p. 27.
- 26) F. W. Foerster, op. cit., p. 142.
- 27) H. G. Adler, op. cit., p. 68.
- 28) Op. cit., pp. 65ss.
- 29) Marx — Engels Werke, I vol. 1957, p. 373.
- 30) Op. cit., pp. 371ss.
- 31) H. G. Adler, op. cit., p. 99.
- 32) Op. cit., p. 112.
- 33) Op. cit., p. 100.
- 34) Idem, idem.
- 35) Op. cit., 122; F. W. Foerster, op. cit., p. 146.
- 36) H. G. Adler, op. cit., p. 142.
- 37) Adolfo Hitler, *Minha Luta*, 8a. ed., São Paulo 1962, p. 186.
- 38) Adolfo Hitler, op. cit., pp. 149ss.
- 39) Eduard Lohse, *Israel und die Christenheit*, 1960, p. 48.
- 40) Silva Mello, *Israel. Prós e Contras*, Rio de Janeiro 1961, p. 291.
- 41) Silva Mello, op. cit., p. 292.
- 42) Jochanan Bloch, art. sozialismus und Judentum, in: *Neue Deutsche Heft*, nº 93, 1963, p. 94.